

PETRA HUCKE

A MULHER
QUE ERGUEU
NOVA IORQUE

Tradução de
Nazaré Matias

alma
dos
livros

PRIMEIRA PARTE

Capítulo Um

MANHATTAN, NOVA IORQUE, JANEIRO DE 1865

A mão áspera de Washington era a única coisa que mantinha Emily quente. Depois de algumas horas na carruagem, estava gelada e doíam-lhe os ossos por estar numa posição desconfortável. Talvez não tivesse sido boa ideia visitar Long Island em janeiro, mas a prima Fanny estava doente desde o nascimento do segundo filho e todos receavam o pior. Quando eram crianças, tinham passado verões inteiros juntas e, naquele momento, sentia a necessidade de voltar a vê-la a qualquer o custo.

Há apenas uma semana, Emily casara com Washington Augustus Roebling na terra natal dela, Cold Spring, numa bela cerimónia: a irmã de Washington tocara órgão na pequena igreja da vila, e nunca esqueceria o olhar sincero no rosto do marido quando lhe tinha jurado amor eterno.

Contudo, naquele momento, sozinha com ele na carruagem, teve de conter uma gargalhada – aquele homem tão atraente estava a dormir de boca aberta. Se havia uma coisa que Emily tinha aprendido desde que casaram, era que Wash podia dormir em qualquer situação, mesmo a atravessar uma estrada acidentada. Tinha aprendido a agir assim na guerra. Depois de alguns

quilómetros percorridos na carruagem, pegara na mão dela, adormecera, contente, e ia a dormir tão profundamente que a cabeça balançava para trás e para a frente, espalhando o cabelo louro-escuro em todas as direções sobre o tecido do encosto.

Havia tanto para ver lá fora! Há muito que tinham deixado para trás os intermináveis campos castanhos, os esqueletos de árvores negras que se desenhavam contra o céu cinzento, os corvos assustados que grassavam indignados ao sentir os cascos dos cavalos a passar, e somente o rio Hudson os continuava a acompanhar, fiel, à direita.

Por aquela altura, já tinham chegado à cidade de Nova Iorque, a maior cidade dos Estados Unidos da América. Se alguém inclinasse a cabeça para trás, num dia sombrio como aquele, teria a sensação de que os edifícios tocavam nas nuvens. Em dias de sol, por outro lado, ao olhar para cima, recebê-lo-ia um céu azul brilhante, parecendo dizer com um certo gozo: «Por muito que tentes, nunca me vais alcançar.»

Mesmo assim, ainda existiam engenheiros e arquitetos ambiciosos que ficavam muito contentes em aceitar esse desafio. A ilha de Manhattan era pequena e cada vez mais pessoas queriam lá viver: vinha da Europa um fluxo constante de imigrantes, o que resultava num navio detrás do outro a atracar no porto de Nova Iorque e, na impossibilidade de as pessoas caberem ao largo, passou-se a construir em altura.

Tinham abrandado perante o trânsito cada vez mais intenso, e o cocheiro, lá fora, coitado, tinha de lutar contra todas as outras carruagens. Emily, sem largar a mão do marido, inclinou-se para a frente para ver mais. As pessoas andavam embrulhadas em longos e espessos casacos de lã, marcados pela sujidade das ruas, e apressavam-se ao longo das calçadas, saltando para a estrada com a convicção de um sonâmbulo e esquivando-se de igual forma das carruagens. Teve a sensação de que seria, com toda a certeza, atropelada num instante, pois, afinal de contas, tinha crescido na província. Tinham passado mais de três anos desde

que estivera em Nova Iorque com a mãe e a irmã para conhecer o primeiro bebé de Fanny.

Decidiu acordar Washington, por achar que estava a perder demasiadas novidades. Mais uma vez, olhou para ele, com as suas longas pestanas, as três sardas no nariz, que haviam ficado profundas desde o inverno, e o bigode bem aparado que lhe fazia cócegas quando lhe sussurrava alguma coisa ao ouvido ou quando a beijava. Nada era melhor do que receber os beijos dele, em todo o lado... um arrepio agradável percorreu-a.

Depois, levantou o pé e deu-lhe um pontapé na canela.

Assustado, Washington ergueu-se.

– Já chegámos?

Emily riu-se e acariciou-lhe a bochecha de barba aparada.

– Ainda não, mas em breve.

– Ah, Manhattan – percebeu Washington com um olhar pela janela. Dobrou-se para esfregar a perna e olhou-a com repressão. – Senhora Roebeling, a senhora é a mulher mais brutal que já conheci.

– Lamento. Deixei de sentir os pés, faltou-me a sensibilidade.

Washington sorriu ironicamente.

– Uma nódoa negra não me vai matar.

«*Diga-me, querida Emmie, o que é o amor? Beijarmo-nos, fazermos cócegas, abraçarmo-nos? São as cartas de amor ou pontapearmo-nos um ao outro nas canelas por debaixo da mesa? Penso que deve ser isso – as canelas.*» Tinha-lhe escrito ele uma vez, quando estava na guerra.

Esticou e acomodou a manta grossa de peles à volta dos pés frios. As garrafas de água quente já tinham arrefecido há muito tempo. Naquele momento, a carruagem avançava aos solavancos e Wash teve de se segurar. Os cavalos tinham acelerado o passo.

– Olha, vamos fazer um desvio pela Broadway. Está menos congestionada.

Emily aconchegou-se debaixo do braço dele e olharam juntos para o exterior. Estavam tão perto da janela que, ao passar uma corrente de ar, sentiram o cheiro da rua.

- Excrementos de cavalo – disse Wash.
- Carvão e fuligem – acrescentou ela.
- Batatas cozidas.
- Carne ou salsichas.
- Restos.
- Suor.
- Repolho fermentado.
- O bafo de noventa mil pessoas.

A cidade sempre lhe parecia imponente e, com Wash, tal viagem era de qualquer forma muito especial. Washington via as cidades de forma diferente da maioria das pessoas, e Emily gostava daquele olhar do marido que penetrava por detrás das fachadas.

Normalmente, à tarde, muitas mulheres jovens passeavam pela Broadway e iam parar à Tiffany's. Iam ao teatro e à ópera e bebiam champanhe ou encontravam-se no novo Central Park para patinar no lago congelado. Emily lembrava-se de como tinha sido maravilhoso deslizar de mãos dadas com a irmã sobre o gelo, fazendo a superfície ranger e estalar. Patinaram até ficar tão escuro e tão frio que somente uma chávena de chocolate quente a fumegar à espera delas na borda do rinkê pôde aquecê-las de novo.

Naquele momento, no entanto, tudo era diferente, e Emily pensou conseguir ler a inquietação no rosto das pessoas a partir da segurança da carruagem. A Guerra Civil Americana não estava resolvida e as pessoas não conseguiam gozar a liberdade, de facto, quase se envergonhavam dela. Enquanto havia tiroteios e mortes no Sul, naquela grande cidade, as pessoas apressavam-se a trabalhar e a fazer compras, ainda que com expressões sérias e a lembrança de que há apenas dois anos tinham desafiado o recrutamento militar de Lincoln e lançado a cidade no caos.

– O 280 da Broadway, o palácio de mármore – murmurou Washington. – Consegues vê-lo?

A carruagem parou numa esquina e Emily pôde contemplar calmamente o edifício brilhante.

– Já alguma vez estiveste lá dentro? – perguntou.

– Não. Mas dizem que realmente há de tudo lá.

– Um armazém... – Emily pronunciou a palavra lentamente.

– Todo o tipo de artigos de retrosaria, roupas pré-fabricadas, cosméticos. Tudo a preços fixos.

– E é mesmo feito de mármore?

– Mármore Tuckahoe do Norte. Consegues ver as janelas grandes?

– Sim.

Infelizmente, a época natalícia já tinha terminado, mas tinha lido que as montras das lojas estavam sempre enfeitadas por essa altura, cheias de luzes e de enfeites inverniais. Talvez no próximo ano, quando passassem por ali novamente para fazer uma visita pré-natalícia a Cold Spring, pudesse vê-las. Até lá, estariam a viver em Cincinnati, onde Washington iria realizar uma empreitada do pai, o que, por sua vez, a deixava tensa – nunca tinha estado tão a oeste.

A carruagem continuou a circular, e Washington já estava a avistar o próximo edifício interessante.

– Que têm as janelas? – perguntou Emily. Wash abriu a boca para lhe responder, mas ela bateu-lhe para o calar. – Espera, acho que sei onde queres chegar. As janelas são tão grandes que a estrutura por trás delas deve ser muito forte. Portanto, o edifício em si não pode ser de mármore.

– Mas sim de...?

– Ferro fundido? – tentou ela, após um momento de reflexão.

– É isso mesmo. A pedra é só uma fachada. Olha, estás a ver aquele terreno em construção?

Picou-lhe a cabeça.

– Não se vê muito bem.

– Ainda não, mas espera alguns meses. O edifício vai ter uma altura total de trinta e nove metros e elevador. É para uma companhia de seguros.

– As nuvens não estão realmente muito longe – murmurou.

Chegaram à doca do *ferry* na Fulton Street, que continuava em Brooklyn com o mesmo nome.

– Queres esperar na carruagem? – perguntou Wash, mas o brilho nos olhos dela disse-lhe que já sabia a resposta. É claro que não queria ficar sentada, queria ver tudo, mesmo que fosse só por dez minutos.

Congelados e rígidos, saíram da carruagem. Apesar dos seus 21 anos, Emily sentia-se naquele momento como uma bisavó de 80. Num instante, estavam de pé no meio da multidão e Wash deu-lhe a mão para não se perderem um do outro, soltando-a brevemente para afundar o chapéu de pele mais para baixo nas orelhas. Depois das longas horas sozinhos na carruagem, era quase esmagador ver todos aqueles rostos estranhos à volta deles, expulsando nuvens de condensação que subiam pelo ar salgado.

Emily ouviu o som do irlandês cantante e do alemão rígido, que não compreendeu, mas reconheceu, tendo em conta que o pai de Washington, que tinha imigrado da Prússia há mais de 30 anos, falara em alemão com a mulher algumas vezes na sua presença. Ouviu a voz furiosa de uma mulher que estava indignada por o patrão lhe ter descontado do ordenado ter chegado dois minutos atrasada e depois o coro compassivo dos amigos que conheciam tais injustiças demasiado bem. Um homem velho resmungou para si mesmo. Não usava chapéu e tinha as orelhas encarnadas.

As nuvens separaram-se a oeste, deixando passar os raios do sol já baixo e Emily teve de semicerrar os olhos. Não conseguia ver o East River entre as pessoas, mas a água brilhante banhava toda a cidade com aquela luz cintilante. Logo depois, o passageiro para o barco a vapor da New York and Brooklyn Union Ferry Company abriu-se, e centenas de passageiros pagaram os seus dois cêntimos, amontoando-se a bordo e levando o casal Roebbling com eles. Um homem alto com um casaco requintado empurrou Emily, fazendo-a tropeçar, e Wash segurou-a com firmeza pelo braço.

– A gente das finanças está sempre cheia de pressa – murmurou Wash, olhando para o sujeito que continuava, de nariz empinado, a empurrar mais pessoas.

– Que horror ter de perder tempo a atravessar para Brooklyn.

O velhote com as orelhas encarnadas virou-se para ela.

– Não é o único contra, minha senhora. Toda a Wall Street vai para Brooklyn Heights desfrutar de uma curta noite de sono. Conhecia quase toda a gente que aqui ia, mas agora tornámo-nos o dormitório de Manhattan. Até querem construir uma ponte. – Abanou a cabeça. – Os ricos vão acabar connosco. – Emily beliscou o braço de Wash por cima do casaco.

– Vive em Brooklyn há muito tempo, senhor? – perguntou Wash, como se nada tivesse acontecido, mas o homem já tinha desaparecido à procura de um lugar na cabina. – Não teria dito nada, Emmie – sussurrou-lhe ao ouvido. – Queres entrar para o quente?

– Os meus pés querem, mas prefiro ficar aqui fora. Vá lá, se ficarmos abraçados junto à amurada, será suficiente.

Foram empurrando ao longo do lado direito do convés até ficarem a meio do *ferry*. O barco já estava a partir, buzinando tão forte que Emily sentiu as vibrações por todo o corpo. O Sol tinha-se posto mais um pouco, fazendo não só a água mas também inúmeros blocos de gelo virarem-se e deslocarem-se como se estivessem numa dança lenta e vagarosa, cintilar. Não se ouvia nada por cima do barulho do barco além dos rangidos e estalos do gelo que já conhecia demasiado bem do rio Hudson em Cold Spring quando chegava a primavera. Por vezes, guinchavam alto como um fantasma inquieto, outros dias, via-se uma águia ou uma foca empoleirada num dos grandes blocos de gelo, seguindo rio abaixo. No entanto, nenhum barco navegava quando isto acontecia porque o gelo era demasiado perigoso e podia esmagar uma quilha do barco num instante.

Ficou na ponta dos pés, debruçada, segura nos braços de Washington. *E se o gelo também aqui...*

Antes mesmo de que pudesse terminar o pensamento, começou-se a ouvir um rangido, tão forte que se sobrepôs ao barulho do motor e das vozes dos passageiros, e só desapareceu quando o barco parou.

– Oh, Deus – sussurrou uma mulher.

Todos levantaram a cabeça e olharam para a esquerda e para a direita. As portas para as cabinas aquecidas abriram-se.

– Estamos presos, não estamos? – perguntou Emily a tentar manter a calma.

– Receio bem que sim. – Washington puxou-a um pouco mais para perto de si.

Os dentes de Emily começaram a bater. E se o barco tivesse tido uma fuga? Ninguém sobreviveria na água gelada. Passaram-lhe pela cabeça milhares de pensamentos. Sentiu ainda mais frio com o medo, como quando o gelo tinha cedido e tinha caído num lago perto de Cold Spring. Só tinha sobrevivido porque o irmão GK, 13 anos mais velho, a tinha puxado corajosamente para fora da água pelas duas tranças. Uma experiência terrível – que não a tinha impedido de ir patinar outra vez no dia seguinte. No entanto, já não deixava GK puxá-la com carinho pelas tranças, como costumava fazer, e ele tinha ficado bastante desapontado quando cresceu o suficiente para lhe ser permitido arranjar o cabelo. Mesmo assim, a irmã tinha-se apresentado orgulhosamente quando visitou o Corpo de Pioneiros.

«Para onde foi a minha irmã mais nova?», perguntara GK. «Tudo o que vejo é uma jovem e estranha *dama*.»

E, um ano mais tarde, aquela *dama* acompanhara-o ao Baile dos Oficiais da Segunda Divisão, onde, por sua vez, a apresentou a Washington Roebling, um grande amigo e ajudante de ordens, por quem Emily se apaixonou imediatamente – apesar ou por causa das suas tentativas desajeitadas de dançar. Era assim que, naquele momento, Wash estava ao lado dela como marido e ia naufragar com ela. Não, não devia morrer! Mesmo que ela fosse até ao fundo do mar, o seu Washington tinha de se manter vivo,

ainda tinha muito a fazer. Se pudessem furar a multidão até à carruagem e agarrar-se a um dos cavalos... chegariam à costa. À pressa, Emily olhou em volta e deixou o olhar vagar até ver o cais de Nova Iorque, fechando os olhos de seguida e sentindo as cócegas de riso na barriga.

– O que é tão engraçado? – perguntou Wash, divertido.

– Oh, já nos vi a todos congelados até à morte e depois olho para trás e vejo que ainda estamos tão perto da costa que poderiam pôr só uma escada e atravessamos.

Além disso, tinha querido, de imediato, sacrificar-se heroicamente pelo marido, mas... Ah, não, também queria continuar a viver.

– O sujeito das finanças da Wall Street, com aquelas pernas longas, até podia saltar.

Os outros passageiros também tinham percebido que não havia perigo, mas que chegariam tarde para o jantar. O estômago de Emily já rosnava de forma audível.

– Sabes o que seria uma boa ideia? – perguntou ela a ponderar.

– O quê?

– Construírem aqui uma ponte.

Washington bufou e Emily encostou a cabeça no peito quente dele.

Sim, uma ponte para Brooklyn... Se ao menos o pai de Washington, um engenheiro bem-sucedido e defensor persistente do seu extraordinário projeto, pudesse finalmente ter luz verde para avançar com a proposta de uma ponte combinada de suspensão e cabos... «A Grande Ponte», como modestamente a chamara, já estava terminada na mente do mestre.